

SIMPÓSIO AT087

OFICINAS PEDAGÓGICAS: REDIMENSIONANDO AS PRÁTICAS À LUZ DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

LINHARES, Allan de Andrade
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
andrades55@hotmail.com

Resumo: Cumpre-nos, com este estudo, responder ao questionamento: Como as oficinas pedagógicas podem contribuir com a formação de professores de Língua Portuguesa? Para tanto, analisaremos as posturas de três professoras durante a proposição de uma oficina que teve como objeto analisar as estratégias usadas pela instituição midiática no processo de construção da realidade. O gênero capa de revista foi o escolhido para essa atividade. Sabemos que o processo formativo dos professores os impede de tornarem os aprendentes-ensinantes políglotas na própria língua (BECHARA, 2003). Assim, entendemos que as oficinas pedagógicas (CANDAU, 1995), modalidade de metodologia ativa (PALMA, 2016) é recurso pedagógico que favorece o trabalho do professor na mediação dos conteúdos, é uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Ao final da oficina realizada, que envolvia troca de experiências e estudos teóricos, os quais foram previamente disponibilizados, foi possível perceber, nos discursos produzidos pelos ensinantes-aprendentes, a colaboração teórico-metodológica trazida pelo recurso pedagógico.

Palavras-chave: Oficinas Pedagógicas; Aprendizado; Metodologia Ativa; Recurso Pedagógico.

Abstract: After concluding this study, it is possible to respond to this questioning: How can pedagogical workshops contribute to the training of Portuguese language teachers? To do so, we will analyze the posture of three teachers during the proposition of one workshop that analyzed the strategies used by the media institution in the process of reality construction. We know that the training process of teachers does not permit them from becoming polyglot teacher-learners in their own language (BECHARA, 2003). Thus, we understand that the pedagogical workshops (CANDAU, 1995), modality of active methodology (PALMA, 2016) is a pedagogical resource that favors the teacher's work in mediation of contents, is an opportunity to experience concrete and significant situations, based on the triad: feel-think-act, with pedagogic objectives. At the end of the workshop, which involved exchanges of experiences and theoretical studies, it was possible to perceive in the discourses produced by the teacher-learners the theoretical-methodological collaboration brought by the pedagogical resource.

Keywords: Pedagogical workshops; Pedagogical Resource; Teacher training.

Introdução

Este artigo consiste em um recorte do último capítulo de uma pesquisa de doutoramento, cujo objetivo era propor reflexões sobre encaminhamentos mais produtivos para o trabalho com alguns gêneros textuais.

Para que esse objetivo fosse possível, realizamos encontros interativos com três professoras da EJA, nos quais eu mediava algumas discussões que objetivavam proporcionar reflexões sobre o uso e produção de alguns gêneros textuais. Para tanto, disponibilizei textos (aparato teórico), em uma etapa anterior às oficinas formativas, a fim de servirem como apoio à reflexão sobre a prática.

1. As oficinas pedagógicas

De acordo com Palma (2016, p.63), fundamentada a partir dos estudos de Vera Candau (DHnet), a oficina é

uma atividade pedagógica na qual se aprendem novos conceitos ou novos procedimentos metodológicos pelo fazer. Nela, a construção do conhecimento ocorre em um processo dialógico entre os estudantes (toma-se aqui o termo em sentido lato) e o professor, que assume a posição de mediador /orientador no processo de ensino e de aprendizagem, possibilitando a relação entre teoria e prática.

A oficina constitui, portanto, um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de um confronto e troca de experiências.

O EnAp¹ ou coordenador da oficina não ensina o que sabe, mas vai oportunizar o que os participantes necessitam saber, sendo, portanto, uma abordagem centrada no ApEn e na aprendizagem e não no EnAp.

Concordo com Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002) quando dizem que as oficinas contemplam três momentos.

No primeiro momento ou problematização inicial, são apresentadas aos ApEn situações reais, para que eles sejam desafiados a expor suas posições ou

¹ Indicarei, neste texto, o termo aprendente-ensinante como ApEn e ensinante-aprendente como EnAp. Essas denominações advêm do estudo da psicopedagoga argentina Alicia Fernández.

concepções prévias sobre o tema.

O segundo momento ou organização do conhecimento caracteriza-se pelo desenvolvimento de atividades que auxiliem o ApEn a compreender e partilhar os conhecimentos sistematizados pela Ciência, permitindo a ele, construir uma resposta mais aprofundada para a questão proposta inicialmente. (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002, p. 201).

Finalmente, o terceiro momento ou aplicação do conhecimento. É nesse momento que ocorre a retomada das questões iniciais e da proposição de novos questionamentos ou novas situações-problema que possibilitem ao ApEn a utilização dos novos conhecimentos desenvolvidos.

Portanto, as oficinas pedagógicas possibilitam um processo educativo composto de sensibilização, compreensão, reflexão, análise, ação, avaliação.

2. Oficina “o gênero capa de revista e o processo de construção da realidade”

Para a realização deste encontro interativo, foi solicitada às colaboradoras a leitura dos textos **Gêneros textuais e multimodalidade** de Dionísio (2011) e **A mídia impressa e o ensino de leitura na EJA: novos olhares e perspectivas de análise** de Linhares e Vieira (2017). O objetivo desta oficina era analisar as estratégias usadas pela instituição midiática no processo de construção da realidade, haja vista que os gêneros da esfera jornalística selecionam estratégias linguístico-discursivas diversas no processo de manipulação dos enunciatários para a produção de consenso.

Para desenvolver a oficina, selecionei duas capas do enunciador Veja que tematizavam períodos de campanhas eleitorais.

Segundo Pinto (2002), é na superfície dos textos que podem ser encontradas as pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos que o analista vai interpretar. Essas marcas, que podem ser linguísticas ou de outras semióticas, são resultado das convenções de codificação exigidas pelo contexto social em que se dá o evento comunicacional.

Imagem (1)



Pesquisador: Analisando esta capa de revista, o que vocês destacariam?

EnAp W: O José Serra com carinho de bom moço, mas a gente bem sabe que tem muita coisa por trás disso. Essa revista, assim como todas as outras instituições da mídia, de acordo com as nossas leituras [referindo-se aos dois textos concedidos pelo pesquisador para estudo], não faz nada de forma inocente. Prova disso é essa mãozinha angelical aí ao lado do rosto.

EnAp M: Eu também concordo que nada aí é por acaso, mas, se a gente não tomar cuidado, cai como um patinho na conversa da mídia. Está tudo bem pensadinho na capa para a gente comprar a ideia de que o cidadão é bonzinho.

EnAp V: Tem muito poder envolvido e, por isso, as estratégias vão sendo montadas. Imagem e palavras unidas para chegar a um objetivo. Se o leitor não for bem cuidadoso e explorar essas detalhes, pensando em quem construiu isso, acaba sendo enganado e vota nele porque ele é esse anjo.

As EnAp foram enfáticas no entendimento de que, em se tratando de uma instituição midiática, em um texto da esfera jornalística, não existe neutralidade. A partir das bases de leituras oferecidas, puderam tecer comentários que tornaram claro o entendimento de que a capa de revista, portanto, usa de poder para construir realidades, manipular os enunciatários a que se destinam, apresentam versões da realidade. Acredito que ordena e disciplina e, para tanto, constitui a realidade que ela mesma apresenta como sendo a realidade feita de fatos. (BUCCI, 2003, p. 9). As colaboradoras mostraram ter consciência desse fato, pois se referiram à imagem de José Serra, associada a todos os outros recursos, como uma forma de garantir uma imagem de *anjo* e conseguirem a adesão dos leitores. As EnAp deixaram claro que não há inocência nas escolhas feitas pela revista.

Após essa análise inicial, ponderei:

Pesquisador: Que estratégias utilizadas pela revista para construir determinado (s) sentido (s) vocês sinalizariam?

ApEn W: Acredito que a forma como apresentaram a imagem foi um ponto bem importante. O sorriso angelical do candidato e a mão no rosto constrói ideia de uma pessoa boa, um político exemplar. O rosto dele também está em evidência na capa. O paletó escuro e o fundo escuro deixaram o rosto dele destacado. Acho que tido isso colabora para construir imagem positiva.

ApEn M: Até tinha anotado aqui esses pontos que a W disse, mas destaco, também, o texto com as letras brancas que diz que ele se preparou a vida inteira para ser presidente. Dá a entender que se ele se preparou a vida inteira, por isso agora aparece com essa cara aí pronta, tranquila, olhar sábio.

Essa frase aí tava em destaque porque o fundo era preto. É um realce para o que a revista quer passar para o leitor.

ApEn V: *Concordo com todas as colocações das minhas colegas e, me lembrando aqui dos recursos multimodais que Dionísio [autora de um dos textos lidos] trata, acredito que a letra amarela escrita selecionada pela revista possibilita entender **Serra Pós-Lula**. Priorizaram, eu imagino, avaliar o candidato de forma boa. É preciso ver aí esse jogo de cores que eles selecionaram.*

As colaboradoras fizeram levantamentos de aspectos bem positivos e válidos para a construção da imagem positiva do candidato José Serra. Para as EnAp existe uma ligação entre a imagem do candidato, em posição dominante, com o texto que em que ele dizia ter passado a vida se preparando para ser presidente. Essas ideias defendidas pelas EnAp vão ao encontro do que Vieira (2007, p.27) pontua: “Em essência, nenhuma imagem é natural ou semiótica em si mesma. Todas são convencionais e resultam de construção cultural e social”.

Feitos esses esclarecimentos sobre as ponderações das colaboradoras, continuo as discussões feitas na oficina. Lanço o seguinte questionamento:

Pesquisador: *Vocês consideram alguma relação entre as cores presentes na tarja presente no alto da revista com outras cores presentes na capa? Há alguma relação com os propósitos da revista?*

EnAp W: *Não tenho certeza, mas esse vermelho da tarja deve se referir ao PT principal oponente do Serra.*

EnAp M: *Acho que além do vermelho que se refere ao PT, o nome da candidata do PT Dilma Russeff não teria compromisso com o futuro porque essa postura deveria ser do Serra.*

EnAp V: *Só acrescento ao que disse M, que o compromisso com futuro é o Serra mesmo porque mais embaixo ele escreve Serra e Pós-Lula na mesma cor que está essa frase Compromisso com o futuro. Acho que tem uma relação aí e estou aqui lembrando das estratégias que os textos que lemos mostraram.*

As ApEn fazem considerações muito pertinentes, percebendo as relações entre as várias estratégias multimodais para garantir a visão positiva de Serra.

Na borda superior da revista, há uma tarja vermelha, sobre ela um splash em letras brancas e amarelas, indicando a publicação feita pela revista de um artigo, denominado Compromisso com o futuro, de autoria de Dilma Rousseff, a principal oponente política de José Serra, e que representaria um momento pós-Lula. Atenta-se para as marcas semióticas, recursos imagéticos e elementos gráficos, presentes na parte superior da revista, os quais são necessários para

a contextualização do discurso. Pelo fato de Dilma Rousseff ser candidata do PT, entende-se a escolha da cor da tarja, haja vista a referência que é feita à candidata como autora do artigo. O nome do referido artigo está posto na mesma cor que algumas expressões do enunciado-título da capa: SERRA/PÓS-LULA. Assim, por meio dessa associação fica clara a referência que os enunciadores pretendem fazer, que o compromisso com o futuro é de Serra.

A última capa analisada foi da edição 2391 de 17 de setembro de 2014 da revista Veja. Essa capa foi publicada no contexto das campanhas eleitorais de 2014, momento em que a candidata Marina Silva teve um crescimento nas intenções de voto.

Imagem (2)



Pesquisador: *Discuta as estratégias eleitas pela revista para construir seus posicionamentos. Que posicionamentos seriam esses?*

EnAp W: *Achei a capa da revista muito criativa, apresentou muitos recursos interessantes. Entendo que Marina Silva está sendo atacada por várias calúnias e difamações atribuídas a ela, já que nessa época ela estava se dando melhor nas pesquisas de intenção de voto. Por meio da imagem, Marina não se rende e continua firme em seu propósito.*

EnAP M: *Acrescento ao que a colega falou mais um detalhe. Pensando na imagem e nas palavras, associando isso tudo, quem está furioso contra a Marina é o PT. A boca é vermelha, cor do PT. É o partido que caluniou a candidata. Acho que essa fúria tá sendo representada por essa boca que ataca Marina com mentiras e difamação. Existe uma relação aí entre as coisas que saem da boca -mentira e difamação-fúria.*

EnAp V: *A Marina está sendo desafiada, mas se mantém forte porque encara as calúnias. Só dá para entender isso olhando para a imagem e as palavras. A roupinha dela balança pela força que os adversários tem e ela continua peitando eles. Aqui a Marina é defendida pela revista.*

As análises foram bem produtivas, demonstrando uma maturidade das EnAp ao analisar um texto produzido por uma instituição midiática. As colaboradoras foram dialogando entre elas mesmas, durante essa atividade e as já apresentadas, e isso ajuda a desenvolver mais saberes por meio das trocar que vão se estabelecendo.

Evidenciaram a necessidade de considerar as estratégias multimodais para perceber a intenção do enunciador em construir uma versão da realidade

e, conseqüentemente, manipulação dos enunciatários para a produção de consenso. A força argumentativa fica marcada pelas estratégias multimodais selecionados pelos enunciadores (DIONÍSIO, 2011).

A respeito da posição da imagem da Marina em relação à boca, a EnAp sinalizou a necessidade de essa análise ser feita, pois ela estava sendo ofendida, deveria ficar em uma posição inferior ao agressor, aqui representado pela boca. Assim, a imagem é tirada de baixo para cima a fim de que esse efeito seja construído. Provavelmente, a sobrevivência do PT dependeria da desmoralização da adversária.

A cor é também um traço multimodal, as colaboradoras entenderam que as calúnias dirigidas a Marina partiu do PT, haja vista que a boca era pintada de vermelho, cor que representa o partido.

Por fim, lanço um último questionamento que fecha as nossas oficinas:

Pesquisador: *É possível trabalhar com essa perspectiva na EJA?*

EnAP W: *É excelente porque eles têm uma visão muito amarrada ao que veem no texto, é muito principiante. Discussões como essas que fizemos os tornariam mais críticos e criativos.*

EnAp M: *Exato, W. Eles devem, com a nossa ajuda, olhar esses recursos para sair só das aparências e analisar as marcas tendenciosas.*

EnAp V: *Se nós mostrarmos com exemplos que as imagens, as palavras, as cores se combinam para criar uma imagem de alguém, isso vai torná-los mais cuidadosos e críticos e, conseqüentemente, ajudará na argumentação.*

As EnAp são categóricas no julgamento do trabalho com textos nas perspectivas apresentadas no decorrer dessas duas oficinas que possibilitaram às colaboradoras um novo olhar sobre ensinar leitura na EJA. Elas atribuem, diferentemente de outras etapas da pesquisa, a responsabilidade por fazerem os ApEn entenderem determinados recursos que lhes possibilitem ler além daquilo que está, explicitamente, marcado na superfície textual. Deram como exemplo o discernimento do que seja a multimodalidade discursiva.

Considerações finais:

Parece-me, portanto, que as oficinas formativas cumpriram o seu objetivo, pois, por meio das discussões realizadas nos encontros interativos, as EnAp mostraram compreensão de que, na condução da aula de leitura, o EnAp precisa

priorizar estratégias multimodais eleitas pela instituição midiática, o que possibilita aos EnAp um olhar mais crítico diante de textos repletos de posturas, discursivamente, marcadas. Esclareço que me referi aos textos da mídia, mas o que se deseja e, eu acredito que vai ser possível, é uma postura do EnAp que permita aos seus aprendentes, durante os encaminhamentos nas aulas de leitura, construir sentidos para os gêneros que analisarem. Deseja-se que os ApEn sejam verdadeiros políglotas na própria língua e possam participar ativamente (lendo, falando, escrevendo, ouvindo) de quaisquer situações comunicativas.

Referências

BUCCI, E. O jornalismo ordenador. *In*: GOMES, M. R. **Poder no jornalismo**: discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hacker, 2003.

CANDAU, V. M. *et al.* **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 2. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

DELIZOICOV, D; ANGOTTI, J. A., PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola, 2011.

LINHARES, A.A.; VIEIRA, R.A. A mídia impressa e o ensino de leitura na EJA: novos olhares e perspectivas de análise. *In*: JORNADA DO GELNE, 26., 2016, Recife. **Anais** [...]. Recife: Pipa Comunicação, 2017. p. 75-88.

PALMA, D. V. A oficina pedagógica: uma metodologia ativa e sua relevância na formação de professores de língua materna. *In*: VASCONCELOS, M. L. M. C. (org.). **Língua e Literatura**: ensino e formação de professores. São Paulo: Mackenzie, 2016. p. 55 – 80.

PINTO, M. J. **Comunicação e discurso**: introdução à análise de discurso. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.